

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

220

ADDENDA ET CORRIGENDA
ÍNDICE DOS FASCÍCULOS 210 a 219



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ADENDA ET CORRIGENDA

Ad n. 1

No decorrer da campanha arqueológica desenvolvida na alcáçova do castelo de Mértola, na época da Páscoa de 1980, um grupo de alunos da cadeira de Epigrafia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, depois de uma visita às margens do rio Guadiana, localizou na “Torre do Rio” uma base emoldurada embutida na construção, suspeitando-se, desde logo, que pudesse estar epigrafada¹. De imediato se procedeu à sua remoção, tendo-se confirmado a existência de uma inscrição, neste caso, votiva.

Até ao momento, trata-se da única inscrição consagrada a uma divindade encontrada em Mértola, datável da época romana. Na sua publicação no *Ficheiro Epigráfico*, os autores que sobre ela debruçaram mostraram-se reticentes no que diz respeito à deusa cultuada, não tendo proposto qualquer divindade na leitura que então apresentaram².

A sua identificação com a deusa *Ataegina* viria a ser proposta mais tarde por José d’Encarnação³. No entanto, sempre subsistiram algumas dúvidas no que respeita a esta atribuição. Numa primeira análise, a consagração *Deae Sanctae* aparece associada a várias divindades, de que são exemplo *Ataegina*, *Bellona*, *Cibele*, *Fortuna*, *Proserpina* e *Venus*, não sendo característica de nenhuma deusa em particular. Procuraremos responder, ou, pelo menos, propor uma resposta a esta questão um pouco mais adiante.

De forma clara, clamam pela nossa atenção os quatro orifícios (pro)circulares existentes no topo, bem como o facto de a inscrição ter sido colocada numa das faces mais pequenas do monumento. Estes últimos aspectos levam-nos a colocar outras questões: seria este monumento uma ara? Em que contexto apareceu?

¹ VALENTE, Jorge Pulido, OLIVEIRA, J. C. Almeida de, e SANTOS, M. Pereira, *Ficheiro Epigráfico* 1 1982, n.º 1 (= VALENTE *et alii*: 1982).

² VALENTE *et alii*: 1982

³ ENCARNÇÃO, José d’, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1984, pp. 156 e 157 (=Encarnação, IRCP).

Começamos pelo fim. A peça encontrava-se embutida na “Torre Couraça”, mais conhecida por “Torre do Rio”, que, à data da publicação do texto no *Ficheiro Epigráfico*, se considerava ter sido construída em época islâmica⁴. Todavia, hoje em dia existem muitas dúvidas no que concerne à sua cronologia, acreditando eu que poderá ter sido construída nos finais do século V ou já no século VI. Para além do monumento em análise, ainda hoje pode observar-se o reaproveitamento de elementos arquitectónicos de mármore, provenientes de um antigo templo romano, que deverá ter sido desmantelado na altura da construção da “Torre do Rio”.

Bem perto deste monumento, sensivelmente a cerca de 20 m de distância em linha recta, dirigi duas intervenções arqueológicas na designada “Casa da Fagulha”. Na primeira (2006-2007), foram identificadas estruturas monumentais, incluindo o possível *podium* de um templo (e aquilo que aparenta ser a parede da *cela*) e paredes de contenção, com uma espessura média de 1.18 m (4 pés romanos), que permitiam uma construção assente em socacos, uma forma de nivelar o terreno e de permitir uma melhor organização topográfica da cidade. Exceptuando as estruturas do possível templo, todas as restantes foram demolidas até à base, aparentemente antes de finais do século V, cronologia que nos é transmitida pelos depósitos de cheias que assentaram directamente sobre os pavimentos e os vestígios dessa demolição (sobretudo a cronologia obtida a partir dos fragmentos de *terra sigillata* norte-africana recolhida nesses níveis, que se encontra agora em estudo). O mesmo foi possível observar na intervenção mais recente (2019/2020). Isto é, todas as estruturas romanas, incluindo um grande embasamento que só poderia pertencer a um edifício público, foram demolidas até à base em época antiga. No caso da última intervenção, em fase anterior ao século VIII.

Deveremos colocar então a seguinte questão: por que motivo não teriam, pelo menos na primeira fase de demolição, arrasado o templo ou os templos? Muito provavelmente, porque vários imperadores, desde Constantino, o Grande, emitiram leis a proibir a destruição de templos, mesmo depois do Édito de Tessalónica, em 27 de Abril de 380, em que Teodósio assume o Cristianismo Ortodoxo “nascido” em Niceia, em 325, como a única religião oficial do Império e proíbe a adoração pública dos antigos deuses. A não des-

⁴ VALENTE *et alii*: 1982.

truição dos templos poderia implicar o seu aproveitamento no estabelecimento de futuros edifícios cristãos, o que não quer dizer que as imagens correspondentes às antigas divindades, bem como todas as inscrições votivas que a elas aludissem, não fossem destruídas. Aliás, facto curioso, exceptuando a cabeça de *Dionysos*, as restantes parecem ter sido alvo de *damnatio memoriae*, tendo sido destruídos os olhos e a boca das cabeças de Augusto e *Tyche/Cibele*. Mesmo as estátuas recentemente descobertas na “Casa Cor-de-Rosa”, perto da “Casa da Fagulha”, aparentam ter sido “escondidas” em fase antiga⁵.

As estruturas arqueológicas identificadas poderiam pertencer a um *forum*. Tendo em consideração que *Myrtilis* era uma cidade portuária, a probabilidade de o *forum* (ou um dos *fora*, pois podia existir mais do que um) se situar próximo do porto é muito grande. Se a isto associarmos o facto de quase todas as grandes estátuas de Mértola (dorso do imperador, os togados, as cabeças de Augusto, *Dionysos* e *Tyche/Cibele*, entre outras) terem sido encontradas na zona envolvente da “Casa da Fagulha”, então a probabilidade ainda maior. E estaria o desmantelamento das estruturas associado à reutilização dos materiais nas novas construções, como a “Torre do Rio”? É uma forte hipótese.

Corresponderia este monumento a uma ara? Não! A existência de quatro orifícios no topo permite supor a existência de uma escultura (serviriam para a sua fixação), algo que indirectamente nos é indicado pelo facto de o campo epigráfico se encontrar numa das faces mais pequenas: a escultura seria vista “de frente”, ou estaria co-

⁵ No caso de *Dionysos*, a explicação poderá estar na história da vida desta divindade e a sua semelhança com a vida de Jesus Cristo, sobretudo na sua juventude. Tal como Jesus Cristo, era filho de Deus com uma humana (Maria), *Dionysos* era fruto de uma relação entre uma divindade (Zeus) e uma humana (Semele). Até aos 2 anos de vida, Jesus Cristo foi perseguido por Herodes, o Grande, tendo a sua família que fugir para o Egipto, tal como *Dionysos* fez para fugir da ira de Hera. Este último foi descoberto, fantasiado de menina, e Hera provocou a sua loucura. Depois de vagar pela Síria, foi até à Turquia, onde a sua avó *Cibele*, a *mater deum* (mãe dos deuses) o curou e iniciou no culto orgiástico. Ora, a Virgem Maria faleceu na Turquia e era... *theotokos*, mãe de Deus! Por fim, Jesus Cristo foi crucificado e ressuscitou ao terceiro dia, conforme as escrituras, tendo a sua ressurreição sido efectuada por Deus. Já *Dionysos* foi morto pelos Titãs e ressuscitado por Zeus, o seu pai. Estas semelhanças entre ambos poderão ter conduzido à não destruição das esculturas de *Dionysos* menino.

locada num canto da *cela* do templo, onde existiram outras esculturas e outros *ex vota*. A expressão *Deae Sanctae*, em dativo, sem qualquer epíteto associado, poderá também confirmar que a inscrição estava integrada num templo e que seria perfeitamente perceptível, para quem a observava, a divindade a quem tinha sido dedicada.

A que divindade teria sido dedicado o texto? Escreveu José d'Encarnação que “A *Dea Sancta* aqui referida deverá interpretar-se certamente como sendo a divindade indígena Atégina, uma vez que tais epítetos lhe são próprios nesta área do Império (cfr. n.º 287) (IRCP, p. 157). O dedicante — indígena romanizado — identifica-se com um gentílico comum (*Valerius*), abreviado por ser frequente, e com dois cognomes, circunstância essa que não é habitual no *conventus*, mormente em veneradores de divindades indígenas. De qualquer modo, *Rufus* encontra-se bastante atestado no *conventus*, ao contrário de *Caepio* (= *Cepio*), que se documenta mais uma vez (n.º 65) mas como gentílico.” Acrescenta ainda que “A epígrafe atesta a fidelidade a um culto indígena não totalmente explícito, por parte de alguém que já se deixou impregnar pela tradição religiosa romana, não completamente porém, porque fez preceder o seu nome por uma fórmula votiva, escrita aliás por extenso” (IRCP, p. 157).

Pessoalmente, não creio que a divindade pudesse ser *Ataecina*, pois esta divindade foi cultuada no “mundo céltico” e *Myrtilis* era uma cidade do “mundo” turdetano. Segundo Abascal Palazón, trata-se de uma divindade de origem celta, ainda que não se encontre frequentemente noutros territórios onde os Celtas tenham habitado⁶. Ainda assim, *Ataecina* poderá ter sido uma das muitas divindades pré-romanas que mantiveram o seu culto fortemente arraigado durante o início do Império, assumindo conotações locais com a adopção de epítetos⁷. A constante utilização de abreviaturas é motivo suficiente para supor a popularidade e forte difusão do seu culto na zona céltica.

Ataecina é muitas vezes invocada como *dea* ou *domina*, ou ainda *d(ea)d(omina) S(ancta)*, e a sua área de culto encontra-se perfeitamente delimitada na Estremadura espanhola, sobretudo em torno de

⁶ Cf. Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, “*Ataecina*”, in José Cardim Ribeiro (coord.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*, p. 53 (=Abascal Palazón, “*Ataecina*”).

⁷ *Idem*, *ibidem*.

Alcuéscar, Badajoz, Cáceres e Mérida⁸, sendo muito raros os registos encontrados na margem esquerda do rio Guadiana⁹. Neste campo, Abascal Palazón propôs a localização de três santuários: proximidades de Santa Lucía del Trampal (Alcuéscar, Cáceres), Dehesa Zafrilla de Malpartida de Cáceres e Dehesa El Palacio (Herguijuela, Cáceres)¹⁰.

A deusa *Ataecina* caracteriza-se por ser uma divindade infernal, conotada com *Proserpina*, sendo por vezes ligada à agricultura e ao culto lunar¹¹. Uma das características do seu culto foi a utilização de ex-votos de bronze, provavelmente utilizados em conjunto com aras.

Mais a sul, regista-se em Beja uma D(ea) S(ancta) TVRIBRIGENSIS (IRCP 287), indicativo claro da prestação de culto na cidade. Mas Beja encontrava-se em zona de influência céltica. Mais a sul, em Quelfes, Olhão, foi também recolhido um monumento com inscrição votiva, onde surge novamente TVRVBRI(gensis). No entanto, o carácter fragmentário do monumento (IRCP 37) impossibilita-nos de saber se se trata do qualificativo da divindade ou do dedicante, pelo que não se pode considerar que ali existisse culto a esta divindade. O que até poderia acontecer, num espaço privado onde pessoas deslocadas de outras partes do território pudessem adorar a divindade de que eram crentes. E pode ser que encontremos a resposta aqui: *Myrtilis* era uma cidade da área de influência turdetana. Ou seja, era uma cidade fortemente influenciada pelas áreas do Sul mais voltadas para o mundo mediterrânico do que para a área de influência céltica, localizada mais a norte. Esta situação é facilmente comprovada em intervenções arqueológicas que tenho dirigido em Mértola, onde se nota uma paulatina transformação das importações e das produções cerâmicas a partir do Bronze Final, sobretudo entre os séculos X e VII a. C., para uma forte ligação a Cádiz, ao Guadalquivir e à área do Estreito de Gibraltar a partir desta última centúria, atravessando toda a fase de ocupação romana, visigótica e islâmica. Posso dar o exemplo das importações anfóricas. São muito raras as produções sadinas ou do Tejo, em comparação com as produções da baía de Cádiz ou do Guadalquivir. Mesmo as de proveniência algarvia são muito escassas por comparação com as restantes. Portanto, Mértola

⁸ Cf. ABASCAL PALAZÓN, “*Ataecina*”, p. 54.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 55.

¹⁰ *Idem, ibidem*, pp. 55 e 56.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 55.

era simultaneamente a porta de entrada no “mundo mediterrânico” e o porto por onde os comerciantes de produtos provenientes de toda a orla mediterrânica tinham acesso a grande parte do actual território baixo-alentejano.

Desta forma, não se encontrando *Myrtilis* localizada em território céltico/celta, não creio que *Ataecina* fosse cultuada na cidade, muito menos num templo situado no *forum*.

Relativamente às restantes divindades supramencionadas, duas merecem um pouco mais de atenção: *Cibele* e *Tyche/Fortuna*. O aparecimento da cabeça de uma divindade feminina de grandes dimensões em Mértola, com 42 cm de altura, permite colocar a hipótese de se tratar de uma deusa protectora da cidade, cultuada num dos templos do fórum¹². Esta cabeça feminina possui uma coroa com a representação de uma muralha e de torres, que normalmente é utilizada em duas divindades romanas: *Cibele*, a *mater deum*, e *Fortuna*. Qualquer uma das duas poderia ser então a divindade protectora da cidade. No entanto, existe um aspecto que pode fazer inclinar os pratos da balança: o culto a *Cibele* não era permitido no *pomerium* sagrado das cidades, exceptuando Roma. Assim sendo, creio que será muito provável que a inscrição dedicada à *Dea Sancta* e a cabeça da deusa tenham sido destinadas ao culto a *Fortuna*, o que se coaduna com o facto de *Myrtilis* ser uma cidade portuária, excepcionalmente ligada às actividades comerciais e com fortes ligações ao Mediterrâneo (através de Cádiz) e à cultura mediterrânica (desde os primórdios da fundação da cidade no decorrer da transição do Bronze Final para a Idade do Ferro).

JORGE FEIO

Ad n. 401

A Dra. Manuela Alves Dias chamou a atenção para o começo da l. 2 desta ara, onde se lera *Amilia Urbana*: poder-se-á ver aí a letra F grafada com a haste vertical e um pequeno segmento

¹² O aparecimento de uma grande estátua de imperador, acompanhada de fragmentos de estátuas da família imperial e ainda de uma cabeça de Augusto, permite equacionar a existência de dois templos no fórum de Mértola, um consagrado a uma divindade tutelar e outro à família imperial.

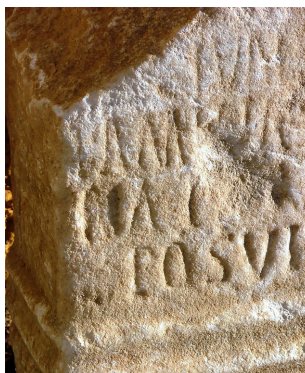
vertical paralelo (ver Figura anexa), forma outras vezes documentada¹³. Nesse caso, dever-se-á considerar aí patente uma referência à *familia urbana*.

Encontra-se esta expressão em três inscrições: em *Luceria* (província romana da *Apulia* e *Calabria*) é a *familia urbana* que promove o epitáfio de *Petronia Octavia, benemerens* (CIL IX 825); em Roma, já no século IV, a *Naeria Cerellia Sabina, prudentissima puella*, a *familia urbana* rende-lhe, *aere conlato*, enternecida homenagem (CIL VI 31 919); em Núrsia, no Sâmnio, também a *familia urbana* se junta para lembrar os *conservi Thymelus* e *Amandus* (AE 1983 300).

Não é, pois, expressão frequente. R. Leonhard, no artigo «*familia*», que assinou para a *Real-Encyclopädie der klassischen Altertumswissenschaft*, não se lhe refere; no *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, na entrada «*familia*» (p. 972), F. Baudry apenas indica que o conjunto dos escravos públicos constituía também uma *familia*.

Ora, esse facto vem atribuir ainda maior importância a *Abelterium* (Alter do Chão): a existência de *servi publici* que como *familia* se consideram, neste caso para prestar culto a uma divindade, constitui indício de uma sociedade com não despreciando poder económico e social.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



¹³ Cf. BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, ²1963, p. 12, fig. 8, n° 3.

Ad n. 758

Em relação ao nome *Modestus* do defunto, poder-se-ia, na verdade, ter alargado um pouco mais o comentário, na medida em que – como nos indicou um dos nossos mui atentos colaboradores – este *Modestus* terá sido escravo, de preferência a liberto e «*Modestus*, como nome latino de escravo, teria merecido análise».

Quanto à leitura apresentada, *Paquillius*, comentou Marc Mayer: «Se trata de un *P. Aquillius*. Se ve el punto en la fotografía y así no hay que buscar las formas más raras que también existen y va mejor para el formulario».

Ad n. 759

Em relação à fig. 3 apresentada no comentário a esta inscrição, opinou Isabel Rodá: «Respecto a la decoración escultórica de la tumba de la emeritense, me parece más bien la figura de un Atis y no una figura femenina... Bueno, es sólo una primera impresión».

ÍNDICES DOS FASCÍCULOS 210 A 219¹⁴

Nomina virorum et mulierum

G(aius) Aquilius Verus, 767

Cassius C(ai) f(ilius) Gal(eria) Tuscus, 771

Satria Silvana 759

Statius Marcius, 778 (*figlina*)

Marcius, Statius, 778 (*figlina*)

Cognomina virorum et mulierum

Albonius Angeiti f., 761

Angeiti f., Albonius, 761

Apinus vel *Arenus*, 763

Aravi f., Boutia, 776

Arenus vel *Apinus*, 763

Arent[io], 774

¹⁴ Elaborados por Manuela Alves Dias e Catarina Gaspar.

Banna, 768
Boutia Aravi f., 776
[...C]aenonis f., 780
Cadarus Cantoni, 776
Cantoni, Cadarus, 776
Coutius Turei f., 774
Demetrius, 778 (*figlina*)
Eugaminis, 770
Ianuarina, 770
Modestus Paquilli Pyladis, 758
Paquilli Pyladis, Modestus, 758
Pyladis, Paquilli Modestus, 758
Silvana, Satria, 759
Surisca, 779
[...] Tiro + [...] 769
Turei f., Coutius, 774
Tuscanus, Cassius C(ai) f(ilius) Gal(eria), 771
Vetus, G. Aquilius, 767

Municipalia

Emerit(ensis), 759

Tribus

Galeria, 771

Militaria

Evocatus, 767

Legio VII G(emina) F(elix), 767

Officia religiosa

Pontifex, 769

Dii deaque

Genius campi, 767

Mars, 767

Minerva, 767

Liber Pater Live[ro Pat(ri)], 763

Salus, 767

Victoria, 767

Christiana

760

Parentela ac necessitudines

filius, 761, 769, 770, 771, 774

mater, 770

uxor, 772, 776

Litterae singulares notabiliores

A.L.[P.], *a(nimo) l(ibens) [p(osuit)]*, 774

A.P.L., *a(ram) p(osuit) l(ibens)*, 763 ?

A., *a(nnis)*, 780

AN., *an(norum)*, 759,

ANN., *ann(orum)*, 758, 770

C. *C(aius)*, 778

D.M.S., *D(is) M(anibus) S(acrum)*, 770

F.C., *f(aciendum) c(uravit)*, 770, 772, 776

F. *f(ecit)*, 768

F., *f(ilius)*, 761, 769, 771, 774, 776, 780

G., *G(aius)*, 767

H.S.E., *h(ic) s(itus) e(st)*, 761, 771

H.S.E.S.T.T.L., *h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*, 758, 776

LEG. VII G. F., *Leg(io) VII G(emina) F(elix)*, 767

L.P., *l(ocus) p(edum)*, 777

ST. *St(atius)*, 778

VTF, *VT(ere) F(elix)*, 775

Puncta et similia

758, 759, 761, 763, 767, 769, 770, 771, 772, 776, 777

Monumenti formae

Ara, 764, 767, 770, 773, 774

Base de coluna, 765

Base quadrangular, 766

Estela, 757, 761, 771, 772, 776, 780

Lintel, 762

Placa, 758, 759, 760, 769

Paralelepípedo, 763, 777

Instrumenta

Anel, 775

Grafito TS, 779
Prato de balança, 768
Mortarium, 778

Decoração

Círculos cortados por haste, 780

Jarro, 764
Meia lua, 763
Rosácea espiralada no frontão e decoração geométrica, 761
Provável contexto escultórico, 759

Grammatica et notabilia varia

In honorem dom[us divinae], 762
Nec meminit nec pane postulavit, 770
Quem pro quam, 770
Surisce pro Suriscae, 779

Inscriptionum repertarum loca

PORTUGAL

BEJA

Baleizão, Olival dos Frades ou Quinta do Conde, 764-766.
Baleizão, Monte da Atouguia, 773
Moura, 762

CASTELO BRANCO

Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha, sítio do Vale do Conde, 775

GUARDA

Sabugal, Nave, a 500 m do sítio romano de Santa Catarina, 761

LISBOA

Lisboa, Entrecampos, 770
Lisboa, escavações dos Armazéns Sommer, 781

PORTALEGRE

Monforte, Assumar, Monte do Clemente, 774

WISEU

Armamar, 780
Moimenta da Beira, Cabaços, 757

ESPAÑHA

BADAJOS

Guareña, 758,
Guareña, en la finca El Tejar, 759,
Torremejías, *villa* de Clavellinas, 779

CÁCERES

Coria, na calle del Rey, no pavimento de uma moradia, 763

Salvatierra de Santiago, finca “La Suerte Chica” 772

Trujillo, en la finca El Borril, 767

Trujillo, Madroñera, 776

CORDUBA

Corduba, 777

LA RIOJA

Logroño, 760

LEÓN

León, calle Legión VII, no antigo hospital de San Antonio, 767

MÁLAGA

Antequera, cerca del Arroio del Juncal, 768

SEVILLA

Sevilla, Avenida de Roma, 778

Auctores

Antonio González Cordero, 758, 759

Calhau Ferro, 774

César Neves, 770

David Martínez-Chico, 760, 768

Emilio Gamo Pazos, 779

Fernando A. Munõz Villarejo, 767

Joaquim Baptista, 775

† Joaquín Gómez-Pantoja, 758, 759

Jorge Feio, 764-766, 773

Jorge de Oliveira, 774

Jorge Sánchez-Lafuente Pérez, 767

José Antonio Pajueli Jiménez, 763

José António Ramos Rubio, 769, 776

José d’Encarnação, 762, 770, 774, 780

José Carlos Santos, 757, 780

José Gonçalo Valente, 762

José Morais Arnaud, 770

Julio Esteban Ortega, 763, 769, 772, 776

Macarena Bustamente-Álvarez, 779

Marcelino Moreno Morales, 772

Marcos Osório, 761

Óscar de San Macario Sanchez, 769

Pedro Miguel Salvado, 775

Ricardo Campos, 771

Salvador Ordóñez Agulla, 777, 778
Santiago Macias, 762
Sergio García-Dils De La Vega, 777

INDEX

FICHEIRO EPIGRÁFICO 210

Addenda et corrigenda

Ad n. 731-733, 735, 736, 737

José Carlos Santos, *Estela romana de Cabaços (Moimenta da Beira)* 757

FICHEIRO EPIGRÁFICO 211

†Joaquín Gómez-Pantoja y Antonio González Cordero, *Inscripciones de Guareña, Badajoz* 758-759

FICHEIRO EPIGRÁFICO 212

David Martínez-Chico, *Fragmento de inscripción paleocristiana del Norte de Hispania*..... 760

Marcos Osório, *Uma nova estela funerária decorada da Nave (Sabugal)*..... 761

FICHEIRO EPIGRÁFICO 213

José Gonçalo Valente, Santiago Macias e José d'Encarnação, *Epígrafe monumental de Moura*762

Julio Esteban Ortega y José Antonio Pajueli Jiménez, *Una posible dedicatoria a Liber Pater en Caurium, Coria, Cáceres (Conventus Emeritensis)*763

Jorge Feio, *Epígrafes do Monte do Olival dos Frades, Baleizão, Beja (Conventus Pacensis)* 764-766

FICHEIRO EPIGRÁFICO 214

Jorge Sánchez-Lafuente Pérez y Fernando A. Munõz Villarejo, *G. Aquilius Verus. Un evocatus de Legio VII Gemina* 767

FICHEIRO EPIGRÁFICO 215

David Martínez Chico, *Banna F(ecit). Platillo epigráfico de balanza en Antequera, Málaga*..... 768

Julio Esteban Ortega, José António Ramos Rubio y Óscar de San Macario Sanchez, <i>Inscripción monumental de un pontifex procedente de Trujillo, Cáceres</i>	769
José d'Encarnação, José Morais Arnaud e César Neves, <i>Ara funerária romana de Entrecampos, Lisboa</i>	770

FICHEIRO EPIGRÁFICO 216

Ricardo Campos, <i>Estela de topo arredondado de Sintra (Conventus Scallabitanus)</i>	771
Julio Esteban Ortega y Marcelino Moreno Morales, <i>Nueva estela de Salvatierra de Santiago, Cáceres (Conventus Emeritensis)</i> ...	772
Jorge Feio, <i>Ara romana do Monte da Atouguia, Baleizão, Beja (Conventus Pacensis)</i>	773

FICHEIRO EPIGRÁFICO 217

José d'Encarnação, Calhau Ferro e Jorge de Oliveira, <i>Ara romana do Monte do Clemente, Assumar, Monforte (Conventus Pacensis)</i>	774
Pedro Miguel Salvado e Joaquim Baptista, <i>VT(ere) F(elix) num anel de ouro de Idanha-a-Velha</i>	775
Julio Esteban Ortega y José Antonio Ramos Rubio, <i>Epitáfio de BOVTIA en Madroñera, Cáceres (Conventus Emeritensis)</i>	776

FICHEIRO EPIGRÁFICO 218

Sergio García-Dils De La Vega y Salvador Ordóñez Agulla, <i>Cipo funerario de Corduba</i>	777
Salvador Ordóñez Agulla, <i>Mortero tipo Dramont D-2 con sello procedente de Hispalis</i>	778

FICHEIRO EPIGRÁFICO 219

Macarena Bustamente-Álvarez y Emilio Gamo Pazos, <i>Un grafito sobre terra sigillata procedente de la villa de Clavellinas, Torremejías, Badajoz</i>	779
José d'Encarnação e José Carlos Santos, <i>Estela romana procedente de Armamar (Conventus Scallabitanus)</i>	780
José d'Encarnação, <i>Fragmentos de placas epigrafadas romanas identificados nos antigos Armazéns Sommer (Olisipo, Conventus Scallabitanus)</i>	781